



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Abordagem de Mosaico: A organização do espaço em contexto de Jardim de Infância

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Educação Pré-Escolar

2025, Ana Luísa Costa Azevedo



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Ana Luísa Costa Azevedo

Abordagem de Mosaico: A organização do espaço em contexto de Jardim de Infância

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar, apresentado ao
Departamento de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra
para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Vera do Vale

A organização do espaço da sala é expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização.

- (Silva et al., 2016, p. 26)

Agradecimentos

O presente trabalho representa o culminar de uma jornada repleta de desafios e conquistas, que não teria sido possível sem o apoio incondicional e a contribuição de várias pessoas a quem devo o meu profundo agradecimento.

Agradeço em primeiro lugar, aos meus pais, pelo amor, paciência e constante incentivo ao longo de todo este trajeto. Vocês, que sempre me encorajaram a ir atrás dos meus sonhos e a trabalhar arduamente, que me deram a força necessária para seguir em frente e que hoje vêem este sonho a tornar-se realidade. Ao meu irmão, agradeço pela amizade e apoio, e por ser sempre uma fonte contante de inspiração.

Ao meu namorado, agradeço por ter estado sempre ao meu lado e me ter dado apoio ao longo de todo este percurso.

À minha orientadora, Professora Doutora Vera do Vale, quero expressar a minha gratidão pela orientação, paciência e valiosas contribuições. A sua orientação e os seus conselhos foram cruciais para o desenvolvimento deste relatório final.

Uma agradecimento especial às minhas amigas Inês e Joana, que me acompanharam durante a licenciatura. A vossa amizade e companheirismo tornaram esta jornada académica mais leve e divertida. Agradeço também à minha amiga Filipa, que esteve ao meu lado no mestrado e em todos os estágios. A sua presença, apoio e incentivo foram essências para ultrapassar todos os desafios que enfrentámos.

Por fim, agradeço a todos os professores, colegas e amigos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a conclusão com sucesso deste objetivo.

A todos, o meu sincero obrigada!

Abordagem de Mosaico: A organização do espaço em contexto de Jardim de Infância

Resumo:

O espaço da sala tem um papel central na vida de uma criança, e representa para elas muito mais do que um local físico, é um elemento estruturante do ambiente educativo, que influencia diretamente o bem-estar, as relações sociais, autonomia e aprendizagens das crianças. Dentro da vasta lista de fatores que podem influenciar a qualidade das experiências de ensino de uma criança em contexto de Jardim de Infância, foi selecionado o tema da organização espaço da sala como foco da investigação.

O interesse pelo tema surgiu após a observação de uma sala de Jardim de Infância que, ao longo dos anos e para diferentes grupos de crianças permaneceu inalterada, revelando fragilidades em vários domínios. Desta forma, o principal objetivo do estudo foi transformar este espaço aprimorando as suas fragilidades através da utilização de metodologias participativas que colocavam as crianças no centro das interações.

A Abordagem de Mosaico foi um elemento crucial para todo o processo de desenvolvimento deste projeto, uma vez que permitiu um envolvimento constante das crianças. A participação ativa das crianças e o diálogo constante com a educadora cooperante, auxiliares de ação educativa e as próprias crianças foram elementos-chave fundamentais para o desenvolvimento da proposta.

Durante várias semanas, foram recolhidos dados referentes às opiniões, comportamentos, e bem-estar das crianças em relação ao espaço que as rodeava.

A análise destes dados permitiu compreender e destacar a importância de reconhecer a criança como um ser único e capaz, além de refletir sobre o papel fundamental que o ambiente da sala desempenha na sua vida.

Palavras-chave: Participação Ativa; Comunicação; Desenvolvimento; abordagem de mosaico.

Mosaic Approach: Classroom Space Organization in Early Childhood Education Contexts

Abstract:

Among the multiple factors that influence the quality of early childhood educational experiences, classroom space organization was selected as the central focus of this study. The classroom environment plays a pivotal role in children's lives, representing more than just a physical location-it is a key structural component of the educational setting that directly impacts children's well-being, social interactions, autonomy, and learning processes.

The interest in this topic emerged from the observation of a kindergarten classroom that had remained unchanged over several years and across different groups of children, revealing structural and pedagogical weaknesses. The primary aim of this study was to transform the space by addressing its shortcomings through participatory methodologies that position children at the heart of interactions.

The Mosaic Approach was essential to the development of this project, enabling the continuous involvement of children. Active child participation, along with ongoing dialogue with the cooperating educator, educational support staff, and the children themselves, were fundamental components of the proposal's development.

Over the course of several weeks, data were collected on children's perspectives, behaviors, and wellbeing in relation to the classroom environment.

The analysis of these data underscored the importance of recognizing the child as a unique and competent individual and highlighted the critical role the learning environment plays in their development.

Keywords: Active participation, communication, child development, Mosaic Approach

Índice:

<i>INTRODUÇÃO</i>	10
<i>CAPÍTULO 1: MOTIVAÇÃO E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA</i>	12
<i>CAPÍTULO 2: ENQUADRAMENTO TEÓRICO</i>	15
Educação Pré-Escolar em Portugal	16
Organização do Espaço	18
Abordagem de mosaico	19
Papel do/a Educador(a) na Abordagem de Mosaico	20
Multimétodo	21
Fases da abordagem de Mosaico	22
Organização do espaço e aprendizagem	23
<i>CAPÍTULO 3: CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO</i>	25
Caraterização do Jardim de Infância	26
Caracterização do grupo (participantes)	27
Caracterização da sala	28
Práticas Educativas e Currículo	29
<i>Capítulo 4: OBJETIVOS, INTERVENÇÃO E ANÁLISE DE DADOS</i>	33
Objetivos da investigação	34
Importância dos objetivos	34
Processo de mudança e importância do envolvimento das crianças	36
Questão de partida	38
Objetivos	39
Processo de intervenção	39
Apresentação e análise dos dados	40
Construção da manta mágica	45
Pós- intervenção	46
<i>Capítulo 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	48
Avaliação dos objetivos	49
Considerações Finais	50
Imagens referentes ao pré-intervenção e pós-intervenção	51
<i>Referências bibliográficas</i>	Erro! Marcador não definido.

Índice de figuras:

Figura 1- Espaços e Organização.....	41
Figura 2 e 3 - Espaços-organização.....	41
Figura 4 - Tipo de Materiais.....	42
Figura 5 - Tipo de Materiais.....	42
Figura 6 e 7- Decoração Paredes.....	43
Figura 8- Decoração Paredes	43
Figura 9 e 10 -Bem-estar dos espaços	44
Figura 11- Manta mágica.....	46
Figura 12 e 13- casinha de bonecas pré-inteვენção	51
Figura 14 e 15 -espaço da sala pré-inteვენção.....	52
Figura 16- planificação da sala azul	53
Figura 17 e 18 - espaços e organização	54
Figura 19 e 20 - espaços e organização	54
Figura 21 e 22- espaços e organização	55
Figura 23 e 24- espaços e organização	55
Figura 25 e 26- espaços e organização	56
Figura 27 e 28- espaços e organização	56
Figura 29- espaços e organização	57
Figura 30 - tipos de materiais	57
Figura 31 e 32 - tipos de materiais.....	58
Figura 33 e 34 - tipos de materiais.....	58
Figura 35 e 36- tipos de materiais.....	59
Figura 37 e 38- tipos de materiais.....	59
Figura 39 e 40- tipos de materiais.....	59
Figura 41 e 42- tipos de materiais.....	60
Figura 43 e 44- tipos de materiais.....	60
Figura 45 e 46- tipos de materiais.....	60
Figura 47- tipos de materiais	61
Figura 48 e 49- Decoração das paredes.....	61
Figura 50 e 51- Decoração das paredes.....	61
Figura 52 e 53- Bem-estar dos espaços	62
Figura 54- Bem-estar dos espaços	62
Figura 55- Acessibilidade dos materiais.....	63
Figura 56- Acessibilidade dos materiais	63
Figura 57- Percursos de apresentação do JI/ sala	64
Figura 58- Percursos de apresentação do JI/ sala.....	64
Figura 59- Percursos de apresentação do JI/ sala.....	65
Figura 60 -Percursos de apresentação do JI/ sala.....	65
Figura 61- idealização das crianças acerca da sala pós-inteვენção	66
Figura 62- idealização das crianças acerca da sala pós-inteვენção	66
Figura 63-idealização das crianças acerca da sala pós-inteვენção	67
Figura 64- idealização das crianças acerca da sala pós-inteვენção	67
Figura 65- Espaço da sala Pré- Inteვენção.....	68
Figura 66 e 67- Espaço da sala Pré- Inteვენção.....	68
Figura 68 e 69- Espaço da sala Pré- Inteვენção	68

Figura 70- Material elaborado pelas crianças a para a criança com NE.....	69
Figura 71- Material elaborado pelas crianças a para a criança com NE.....	69
Figura 72- Material elaborado pelas crianças a para a criança com NE.....	69
Figura 73 e 74- casinha de bonecas pós-intervenção	70
Figura 75- Catinho da biblioteca pós-intervenção	70
Figura 76 e 77- Catinho da biblioteca pós-intervenção	71
Figura 78 - Organização e acesso aos materiais pós-intervenção	71
Figura 79- Organização de materiais pós-intervenção	72
Figura 80- Organização de materiais pós-intervenção	72
Figura 81- Organização de materiais pós-intervenção	73

Lista de abreviaturas

ESEC- Escola Superior de Educação de Coimbra

JI – Jardim de Infância

OCEPE – Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar

NE – Necessidades Específicas

Lista de gráficos

Gráfico 1 – representação gráfica referente ao número de crianças de sexo feminino e sexo masculino (%)

Gráfico 2 – Gráfico relativo ao número de crianças por idade(%)

INTRODUÇÃO

Introdução

O ambiente educativo em que uma criança cresce, aprende e se desenvolve desempenha um papel essencial no seu percurso de vida, por isso, é fundamental que sejam criadas condições que potenciem ao máximo as oportunidades de aprendizagem e bem-estar que esse ambiente pode oferecer.

Durante a investigação, o espaço da sala assumiu um papel central, por se tratar de um dos elementos que mais necessitava de intervenção no contexto específico do Jardim de Infância, e o qual se revelou uma peça-chave na construção de um ambiente mais adequado e significativo para as crianças.

O/A educador(a) deve ter em conta que o seu papel na organização do espaço é fundamental. Deve atuar como um gestor(a), ajustando o ambiente às crianças e às suas necessidades sempre que necessário; motivador(a), promovendo a participação ativa e a expressão autêntica das crianças, e mediador(a), criando interações harmoniosas entre os diferentes elementos do espaço.

A investigação referente à parte prática do presente relatório teve como objetivo a observação atenta do funcionamento da instituição para a sua compreensão clara e objetiva, assim como a observação crítica e reflexiva das práticas realizadas na instituição.

A intervenção implementada durante o estágio desenvolveu-se segundo a Abordagem de Mosaico, uma abordagem que possibilita que as crianças participem ativamente no processo de reorganização do espaço da sala, assumindo-as como um elemento-chave para o processo. Como refere Girão (2021), “Na Abordagem Mosaico, a criança é valorizada, vista como portadora de voz própria e envolvida no processo de tomada de decisão. É através da compreensão e escuta das opiniões das crianças que estas se sentem parte ativa das suas vidas.”(p. 3).

CAPÍTULO 1: MOTIVAÇÃO E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Capítulo 1: Motivação e formulação do problema

O conhecimento do espaço e das suas possibilidades é uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia da criança e do grupo, o que implica que as crianças compreendam como está organizado e pode ser utilizado, participando nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. Esta apropriação do espaço dá-lhes a possibilidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de diferentes maneiras, por vezes imprevistas e criativas, e de forma cada vez mais complexa.

Silva et al., 2016, p.26

Este é um princípio base presente ao longo de toda a intervenção e consequentemente no relatório final. Ao longo do desenvolvimento da proposta é destacada a importância da consideração das crianças e das suas capacidades, afirmando-as como co-construtoras do seu próprio processo de aprendizagem, e que ao serem incluídas nas tomadas de decisões, tornam-se mais envolvidas e responsáveis pelo ambiente em que aprendem e se desenvolvem.

Ao longo dos anos, o interesse pela área da Educação tem vindo a aumentar, o que possibilita que as pessoas tenham cada vez mais preocupação em dar respostas adequadas às necessidades de cada criança. Ainda assim, em vários Jardins de Infância as metodologias utilizadas, as configurações dos espaços e vários outros aspetos continuam a ser realizados de maneiras muito tradicionais, sem tomar em linha de conta as características e visões únicas das crianças.

Durante o período de estágio, o aspeto que mais se destacou como uma possível base de uma investigação, foi o facto de uma das salas do Jardim se ter mantido inalterada ao longo de vários anos e para vários grupos de crianças. Esta falta de alteração do espaço refletia-se diariamente nas atitudes e comportamentos das crianças e era evidente a necessidade de mudança.

É neste contexto que surge a motivação para o desenvolvimento desta investigação, que pretende compreender de que forma a organização do ambiente físico da sala influencia o comportamento, as interações e o bem-estar das crianças, bem como, trazer evidências de que os ambientes projetados com a participação ativa das crianças, não só são mais adequados às suas características, como potenciam o seu desenvolvimento integral, promovendo uma educação de maior qualidade e significado para elas.

CAPÍTULO 2: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 2 – Enquadramento Teórico

Educação Pré-Escolar em Portugal

A educação pré-escolar em Portugal tem vindo, ao longo dos anos, a ganhar uma relevância crescente, um reflexo do aumento do interesse da comunidade e dos profissionais de educação, na procura de mais qualidade e conhecimento na área de educação de crianças em idade pré-escolar. Apesar do seu carácter facultativo, uma educação de qualidade no início de vida pode representar um valor incalculável para o desenvolvimento de uma criança.

Falar de educação pré-escolar em Portugal implica necessariamente referir as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), um documento orientador essencial, desenvolvido para apoiar a prática pedagógica de educadores e educadoras de infância em Portugal. Publicado pelo Ministério da Educação, o documento define os princípios, objetivos e conteúdos a desenvolver na educação de crianças dos 3 aos 6 anos. Neste sentido, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar surgem não só como um documento orientador para todos e todas os/as educadores/as, como uma base teórica que possibilita a implementação e continuidade de uma educação de qualidade, com uma visão centrada na criança e no seu desenvolvimento, de forma integrada. As OCEPE são muito mais do que um documento orientador, são uma base teórica que possibilita o assegurar de uma educação pré-escolar de qualidade, com bases centradas na criança e no seu desenvolvimento integral.

Tendo em conta as várias dimensões essenciais para uma prática educativa de qualidade em contexto Pré-escolar, destaca-se a importância do brincar, que tem nesta fase da vida das crianças um papel crucial e a valorização deste não pode ser nunca descurada, como refere Silva et. al (2016)

(...) brincar é a atividade natural da iniciativa da criança que revela a sua forma holística de aprender. Importa, porém, diferenciar uma visão redutora de brincar, como forma da criança estar ocupada ou entretida, de uma

perspetiva de brincar como atividade rica e estimulante que promove o desenvolvimento e a aprendizagem e se caracteriza pelo elevado envolvimento da criança, demonstrado através de sinais como prazer, concentração, persistência e empenhamento. (p. 11).

Também, o ambiente educativo é um pilar fundamental na área da educação, caracterizando-se como um “contexto facilitador de desenvolvimento e aprendizagem de todas a cada uma das crianças, de desenvolvimento profissional e de relações entre diferentes intervenientes.” (Silva et. al, 2016, p. 5) . Assim, é essencial que o ambiente transmita segurança, acessibilidade e diversidade às crianças e a sua participação na gestão do mesmo pode representar mais valias para todos os intervenientes. Silva et al. (2016) defendem ainda que

A organização do ambiente educativo, enquanto suporte do desenvolvimento curricular, é planeada como um contexto culturalmente rico e estimulante. A apropriação desse ambiente por parte das crianças contribui para o desenvolvimento da sua independência, sendo que as oportunidades de participação nas decisões sobre essa organização favorecem a sua autonomia. (P.17).

O ambiente é como um terceiro educador, uma vez que contribui ativamente para o desenvolvimento das aprendizagens.

Já o/a educador(a) de infância tem nesta fase um papel fundamental na mediação de aprendizagens, para isso a sua prática deve ser intencional, planeada e reflexiva. Cabe ao/à educador(a) a criação de contextos ricos e significativos, capazes de potencializar o desenvolvimento das crianças nas várias áreas de conteúdo. Como refere Silva et al. (2016)

A ação profissional do/a educador/a caracteriza-se por uma intencionalidade, que implica uma reflexão sobre as finalidades e sentidos das suas práticas pedagógicas e os modos como organiza a sua ação. Esta reflexão assenta num ciclo iterativo - observar, planear, agir, avaliar - apoiado em diferentes formas de registo e de documentação, que permitem

ao/à educador/a tomar decisões sobre a prática e adequá-la às características de cada criança, do grupo e do contexto social em que trabalha. (P.5)

Concluindo, a educação pré-escolar em Portugal assenta em princípios de equidade e inclusão, promovendo igualdade no acesso a educação, sem distinção de origens sociais, culturais, económicas e até mesmo eventuais necessidades específicas das crianças. Para isso, as práticas pedagógicas utilizadas devem ser flexíveis e sensíveis à diversidade, promovendo o respeito pelas diferenças e a igualdade de oportunidades.

Organização do Espaço

A organização do espaço da sala desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral das crianças, influenciando diretamente as suas ações, aprendizagens e bem-estar.

A sala, deve ser pensada e estruturada de maneira a promover um ambiente acolhedor, seguro e estimulante, que favoreça tanto o desenvolvimento cognitivo quanto socio-emocional das crianças.

A criação de espaços que incentivam a autonomia, a cooperação e a criatividade das crianças foram alguns dos pontos principais tidos em conta no processo de reestruturação do espaço da sala.

Atualmente, as metodologias de ensino estão em constante evolução e manter o progresso é uma necessidade; assim, repensar na organização do ambiente educativo é fundamental. A disposição dos móveis, a criação de áreas de atividade, a utilização de materiais diversos são exemplos de pequenas características que conseguem alterar toda a dinâmica de uma sala.

Formosinho et al. (2011) defendem que “A sala de atividades não tem um modelo único, tal como não tem uma organização totalmente fixa desde o início do ano letivo até ao seu final. É o desenrolar do jogo educativo quotidiano que vai requerendo a sua organização e reorganização.” (p. 12).

A reorganização do espaço da sala não é apenas uma questão estética, representa uma estratégia pedagógica que pode potencializar a aprendizagem e a participação ativa das crianças em todo o processo educativo, como (Formosinho et al., 2011) refere, “A sala de educação de infância organiza-se em áreas diferentes de atividade que permitem diferentes aprendizagens plurais, isto é, permitem à criança uma vivência plural da realidade e a construção da experiência dessa pluralidade” (p. 11).

A reestruturação do espaço, bem refletida e planeada, pode proporcionar às crianças oportunidades ricas de exploração, descobertas e crescimento pessoal, tornado as suas experiências educativas mais significativas e prazerosas.

Abordagem de mosaico

A abordagem de mosaico, de acordo com Clark e Moss (2005), é uma metodologia participativa que se foca na escuta e documentação de experiências e perceções das crianças. Inspirada no trabalho de Loris Malaguzzi e pela prática pedagógica de Reggio Emilia, esta abordagem reconhece as crianças como co-construtoras do conhecimento e destaca a importância de envolver diferentes agentes no processo de aprendizagem e pesquisa, como, pais, educadores e crianças.

A utilização de metodologias participativas constitui sempre algo de positivo na vida de uma criança, uma vez que, nestas pedagogias estão envolvidos métodos e abordagens que colocam a criança no centro da aprendizagem, ou seja, abordagens promotoras do envolvimento ativo dos alunos, da colaboração e da construção de conhecimentos.

A abordagem de mosaico (utilizada no desenvolvimento da proposta), consiste numa metodologia que, como referido anteriormente, valoriza a participação ativa das crianças em todo o processo de aprendizagem. Inspirada por práticas educativas democráticas e inclusivas, esta abordagem pretende captar as perspetivas e vozes das crianças pequenas, reconhecendo-as como co-construtoras do conhecimento.

A abordagem de Mosaico é uma metodologia desenvolvida por Alison Clark e Peter Moss. Influenciada por vários autores, pedagogias e teorias, a abordagem valoriza a escuta da criança, a participação ativa e a diversidade de formas de expressão.

Uma das principais teorias que suporta a abordagem é a visão da criança como um sujeito ativo, uma perspetiva que reconhece a criança como competente, capaz de expressar opiniões e tomar decisões, sendo que as suas contribuições são valorizadas de forma séria no contexto educativo.

A Abordagem de Reggio Emilia, desenvolvida por Loris Malaguzzi, também teve uma forte influência na metodologia. A ideia das “cem linguagens da criança”, que defende que a criança comunica através de diferentes meios, como desenhos, corpo, a fala ou a fotografia.

Por fim, os dois nomes que tiveram também uma forte contribuição para a valorização da abordagem foram Piaget e Vygotsky, que reforçam a ideia de que a criança constrói o seu próprio conhecimento a partir da interação com o ambiente e com os outros, assim o adulto assume um papel de mediador, ouvindo e documentando as aprendizagens.

Papel do/a Educador(a) na Abordagem de Mosaico

O adulto desempenha nesta abordagem um papel fundamental, representando alguém capaz de criar condições e contextos favoráveis à participação e à autonomia da criança, incentivando-a e propondo desafios. A sua função é facilitar e organizar todo o processo.

Como referido por Azevedo et al., (S.D.) “Na educação de infância, uma das primeiras formas de intervenção do/a educador/a é a criação de um ambiente educativo que acolha múltiplas relações e interações e que potencialize aprendizagens plurais.” (p. 1), no contexto da abordagem de mosaico a afirmação descreve de forma clara a importância do papel do educador, este deve ser um profissional que observe, ouça, documente e organize continuamente as suas práticas, consoante as necessidades e interesses das crianças. Ao fazê-lo, constrói

um espaço educativo dinâmico, promotor de relações, onde se valorizam os saberes das crianças e se fomentam aprendizagens plurais, contextualizadas e autênticas.

Na abordagem de mosaico o/a educador/a não atua como uma autoridade transmissora de conhecimento, representa um aliado na construção de aprendizagens, é alguém que mantém sempre uma postura ética e democrática e reconhece sempre o direito à voz da criança, à participação e a autonomia.

Multimétodo

A abordagem de mosaico é caracterizada pelo multimétodo, ou seja, não há um único método certo ou errado, existe sempre uma interligação de várias formas de recolha da informação. Dentro delas destacam-se o uso das câmaras, que permitem que as crianças que escolham e registem, através de fotos e vídeos aspetos que consideram relevantes de acordo com o tema em causa. São feitos passeios exploratórios conduzidos pelas crianças, de onde surgiram vários registos criados através dos métodos anteriormente referidos ou de outros de forma a definir aspetos importantes. Os Mapas podem também ser elementos importantes, uma vez que servem para que as crianças representem visualmente o resultado das suas explorações.

Segundo Girão (2021) “A Abordagem de mosaico, sendo uma estratégia que promove a participação ativa da criança, rege-se por métodos que possibilitam diferentes modos de expressão, respeitando a sua individualidade.” (p. 16), assim, com a utilização desta estratégia é assegurado que cada criança possa comunicar-se de maneira autêntica e pessoal, respeitando as características individuais e promovendo um envolvimento significativo no processo educativo.

O mesmo autor defende ainda que

A constante interação, escuta e comunicação é uma ferramenta para que seja a voz da criança a ser tida em conta e não a que o adulto pretende, o que, conseqüentemente, leva a que nem sempre haja consenso entre elas. O multimétodo que permite escutar as crianças de variadas formas, comunicando através de métodos verbais, visuais e cinestésicos. Valoriza

as ações, as brincadeiras, as reações e as formas simbólicas (desenhos e fotografias). Deste modo, os/as educandos/as criam o seu próprio conhecimento, em vez deste ser extraído. (Girão, 2021, p. 17)

Assim, a utilização do multimétodo, que inclui a observação atenta de brincadeiras, expressão artística, registos fotográficos e outros meios, permite uma compreensão mais rica e profunda de ponto de vista das crianças, possibilitando que o adulto não imponha a sua visão e consequentemente valorize o conhecimento construído pelas próprias crianças a partir das suas experiências e interações com o mundo.

Fases da abordagem de Mosaico

A abordagem de mosaico, de acordo com Clark e Moss (2005), utiliza uma metodologia participativa para explorar as perspetivas das crianças sobre os espaços que ocupam e propõem que este seja um processo que permita compreender e integrar as vozes das crianças no planeamento e avaliação dos ambientes.

Assim, a abordagem conta com 3 fases principais: a recolha de dados, a discussão e análise participativa, o planeamento e ação.

A primeira fase – recolha de dados - requer a utilização de vários métodos de maneira a compreender as perspetivas das crianças, permitindo que estas expressem as suas ideias da forma com a qual se sentem mais à vontade, para isso, podem ser utilizados os recursos aos desenhos , fotografias, mapas e a observação de conversas informais .

A segunda fase – discussão e análise participativa- as crianças e os adultos conversam de modo a entender melhor as informações recolhidas no momento anterior de forma a dar as crianças oportunidade de explicar com mais detalhe o seu ponto de vista.

A terceira fase - planeamento da ação- são tomadas decisões sobre as mudanças ou adaptações dos espaços. Nesta fase em particular foi utilizado o recurso a “manta mágica”, um recurso onde são reunidos os dados recolhidos ao longo do processo (fotos, mapas, desenhos), representando um apoio para as

crianças e adultos, utilizado para abrir espaço para mais um diálogo acerca das decisões e alterações/adaptações futuras do espaço.

Depois de todas estas fases, é ainda assim importante que haja uma avaliação e reflexão contínua para verificar o impacto das alterações tomadas. Este processo de reflexão contínuo possibilita o aprimorar de forma constante dos espaços e das práticas pedagógicas.

Para a implementação de abordagem de mosaico na sua plenitude pais, educadores e crianças tem um papel fundamental ao longo do processo. Neste trabalho, não foi possível o envolvimento ativo dos pais na sua plenitude, a sua participação limitou-se apenas a momentos pontuais, fornecendo recursos solicitados pelas crianças ou educadores e o apoio em pesquisas realizadas em casa. Embora o nível de participação não tenha atingido o ideal, o projeto foi visivelmente positivo para a crianças da sala. As atividades realizadas promoveram aprendizagens significativas, reforçaram a autonomia e o envolvimento das crianças, e criaram um ambiente rico de colaboração e criatividade.

Organização do espaço e aprendizagem

Segundo (Azevedo et al.,)

Os/as educadores/as de infância que perspetivam o ambiente educativo como reflexo de uma conceção de uma criança competente, ativa e participativa e olham como um contexto em que as múltiplas dimensões criam interatividade e independência em si compreendem que as decisões a nível da organização do(s) espaços (s) e dos materiais e do(s) tempo(s) pedagógicos (ritmos do dia) têm impacto decisivo nas interações e relações que aí se desenvolvem e, nessa medida, na profundidade das aprendizagem que as crianças realizam.(P.2).

No contexto de abordagem de mosaico, torna-se evidente que os/as educadores/as de infância compreendem o ambiente educativo como uma manifestação concreta da imagem da crianças como um ser ativo, competente e participativo. Nesta perspetiva, reconhecem a organização do espaço, a seleção e/ou

a disposição dos materiais e a gestão do tempo, como dimensões fundamentais e intencionalmente estruturadas, cuja influência se revela como um fator decisivo na qualidade das interações e na profundidade das aprendizagens que delas emergem.

Para o desenvolvimento da abordagem, a atenção ao espaço assume uma importância particular, uma vez que propõem que o educador esteja atento à mensagem que o ambiente transmite.

A organização espacial torna-se um reflexo das intenções educativas, mas também uma forma de escuta visível: um espaço que se transforma a partir das vozes das crianças.

Segundo Lopes da Silva et al. (2016) citado por Azevedo et al., (s.d.)

a organização do espaço da sala é expressão das intenções do/a educador/ a e da dinâmica do grupo", é "indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização" Essa reflexão é também essencial para "evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para as crianças (id., ibid.). (p.3)

Ao planear intencionalmente o espaço, seja criando zonas de investigação, de leitura ou de partilha, etc, o/a educador/a está a construir possibilidades de ação, de interação e de construção de conhecimento. A coerência entre o espaço, o tempo e os objetivos pedagógicos ampliam o potencial das aprendizagens e fortalecem a relação entre o adulto e a criança, bem como entre as próprias crianças. Como Garnecho (2020) defende, “O espaço deve estar organizado devendo fornecer experiências diversificadas, que impulsionem o grupo em geral para novas aprendizagens, não esquecendo de dar importância à criança como um ser individual. (p.14)

Dessa forma, refletir sobre a organização do espaço não é apenas uma questão técnica, mas sim uma escolha pedagógica e ética, que exige escuta, sensibilidade e compromisso com uma educação centrada na criança e nas suas múltiplas formas de aprender e de ser.

CAPÍTULO 3: CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO

Capítulo 3: caracterização do contexto educativo

1. Caraterização do Jardim de Infância

A investigação e prática da Abordagem de Mosaico realizou-se no ano letivo de 2022/2023, num Jardim de Infância de cariz público, localizado na área urbana de Coimbra.

O Jardim de Infância, era dotado de instalações compostas por cozinha, sala de refeições, salas de atividades, espaço exterior, entre outros, onde são prestados vários serviços tais

Este Jardim possuía a capacidade máxima de 75 crianças distribuídas por 3 grupos heterogénios.

A instituição apresentava como fundamentos e princípios educativos:

- Desenvolvimento e aprendizagem como vertentes indissociáveis no processo de evolução da criança
- Reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo
- Exigência de resposta a todas as crianças
- Construção articulada do saber.

Neste sentido, e de modo a dar resposta às necessidades de toda a comunidade educativa, para além da componente educativa/letiva, o Jardim de Infância proporciona Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF) com o apoio da Câmara Municipal de Coimbra.

A sala onde decorreu a prática era composta por uma educadora e duas auxiliares de ação educativa, (uma vez que uma das crianças do grupo possuía NE e necessitava de um acompanhamento personalizado) e era composta por um grupo heterogénio de 20 crianças com as idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos.

Caracterização do grupo (participantes)

O grupo de crianças com o qual foi desenvolvida a intervenção pedagógica, era constituído por 20 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos de idade.

Segundo (Silva et al, 2016, P.24) “A existência de grupos com crianças de diferentes idades acentua a diversidade e enriquece as interações no grupo, proporcionando múltiplas ocasiões de aprendizagem entre crianças.”

As crianças caracterizavam-se como curiosas, sociáveis e interessadas nas atividades diárias.

Existiam no total 6 crianças do sexo feminino e 14 do sexo masculino como apresentado no gráfico 1.

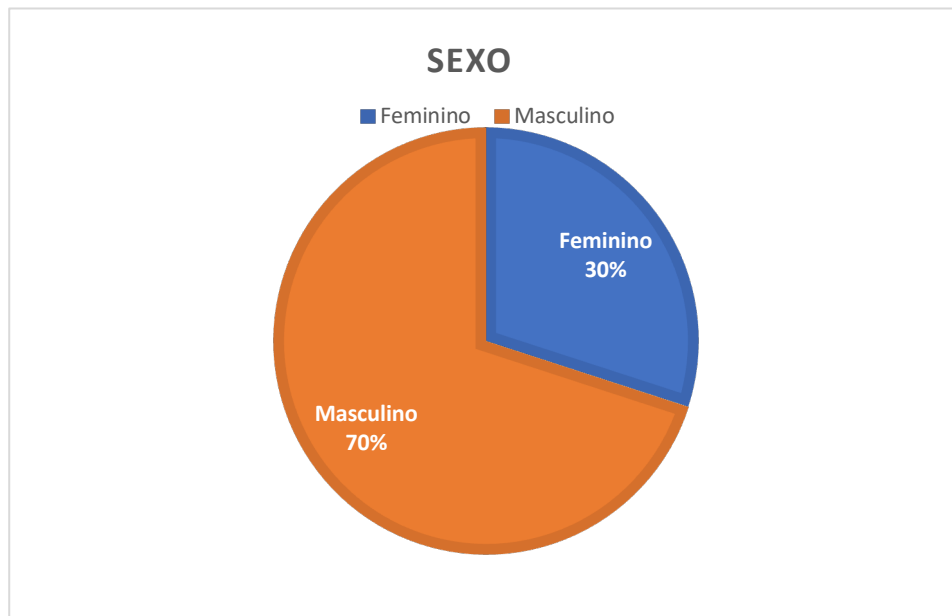


Gráfico 1 – representação gráfica referente ao número de crianças de sexo feminino e sexo masculino. (%)

Relativamente às idades das crianças, e, visto que este era um grupo heterógeno as idades variavam. As idades eram compreendidas entre os 4 e os 6 anos. No entanto, a grande maioria das crianças tinha já seis anos, como se pode constatar pelo gráfico 2.

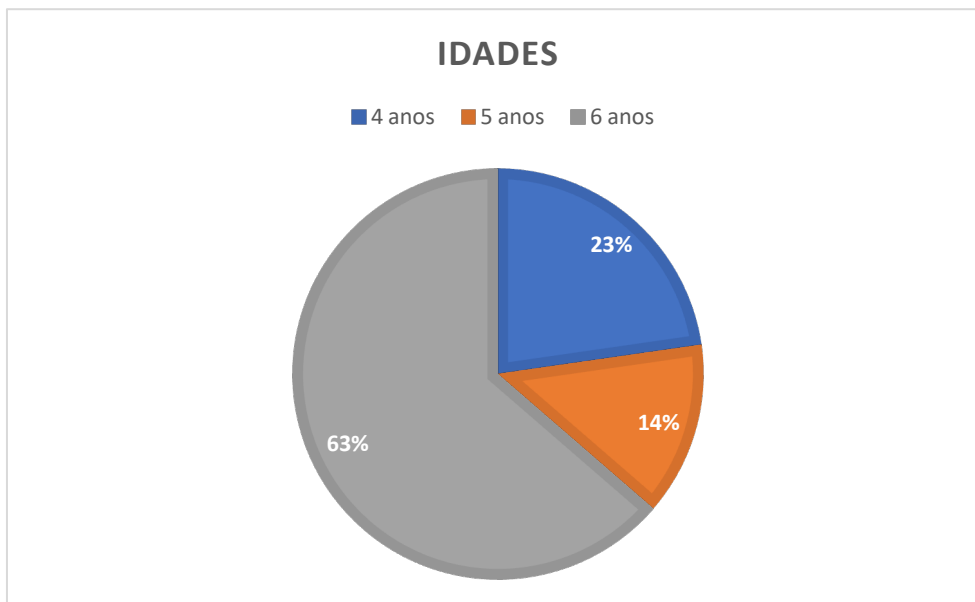


Gráfico 2 – Gráfico relativo ao numero de crianças por idade.(%)

Caracterização da sala

A sala que a estagiária integrou era composta por 5 espaços principais, nomeadamente: espaço com as mesas, espaço de computador, biblioteca, casa de bonecas e espaço para jogos.

O espaço onde se encontram as mesas era organizado por uma estante onde estão dispostas as caixas com os materiais didáticos de cada aluno, por exemplo: papel de desenho, lápis de cor, marcadores, lápis de cera, etc. Neste espaço encontram-se as várias mesas, redondas e retangulares onde as crianças fazem os seus trabalhos, realizados de acordo com vários temas propostos pela educadora (por exemplo: desenhos sobre o Natal, animais, estações do ano, viagens, dia da criança, dia do Pai, dia da Mãe, etc.) e que são expostos nas paredes da sala alternadamente conforme o tema.

O espaço onde está o computador serve de zona de apoio à educadora, onde estão disponíveis materiais e recursos utilizados no dia-a-dia.

A Casa de Bonecas é o espaço onde se encontram roupas, brinquedos e outros adereços de forma a retratarem a realidade de acordo com a imaginação de cada um.

O espaço para jogos contém peças onde cada criança recria a sua história com construções lúdicas (legos, animais, figuras geométricas diversas, e em vários materiais).

Na Biblioteca, as crianças têm acesso a literatura infantil, podem ver imagens para copiar desenhos, imaginar histórias, etc.

Exista também uma estante onde estavam disponíveis os dossiês de cada criança com evidências do seu desenvolvimento. Habitualmente, quando a educadora arquivava os desenhos ou partes dos projetos desenvolvidos, as crianças sentavam-se com a sua capa e viam os trabalhos até ali desenvolvidos, tendo assim uma perspetiva real da sua evolução.

“Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a sua organização condicionam o modo como esses espaços e materiais são utilizados enquanto recursos para o desenvolvimento das aprendizagens” (Silva et al., 2016, página 26). Na instituição descrita anteriormente os espaços encontram-se distribuídos de forma refletida e adequada as necessidades das crianças daquela sala, no entanto, os materiais e sua organização condicionam o modo como estes são utilizados enquanto recursos para o desenvolvimento das aprendizagens.

Práticas Educativas e Currículo

Na Instituição onde foi desenvolvido o estágio trabalhava-se segundo a Pedagogia de Projeto.

Ao longo do ano foram desenvolvidos vários projetos com diferentes durações e dentro destes existiram por vezes crianças que decidiam não participar. Os projetos foram desenvolvidos tendo em conta os interesses e curiosidades das crianças e não havendo um prazo previsto para o seu término, essa gestão foi feita ao longo das semanas em conjunto com as crianças.

A pedagogia de projeto é uma abordagem benéfica para as crianças, uma vez que promove uma aprendizagem ativa, incentiva a comunicação, capacita as crianças na resolução de problemas, colaboração, etc.. Para além disso, cria oportunidades para a integração de diferentes áreas de conhecimentos de maneira prática e significativa, transformando os momentos de aprendizagem envolventes e relevantes.

Ainda, Silva et al. (2016) refere

A perspetiva holística, que caracteriza a aprendizagem da criança e que está subjacente ao brincar, estará também presente na abordagem das diferentes áreas de conteúdo. Ao brincar, as crianças vão-se apropriando de conceitos que lhes permitem dar sentido ao mundo e em que o/a educador/a pode reconhecer o contributo para a aprendizagem de diversos tipos de conhecimento, tais como, a língua, a matemática, as ciências.(P.31)

A instituição tinha como referência o método Montessori para o desenvolvimento de algumas das suas práticas, ainda assim o mesmo via-se apenas refletido de forma subtil.

O exterior era um espaço privilegiado, onde as crianças durante o dia, passavam uma grande parte do seu tempo. Este espaço era composto por um grande jardim e uma parte exterior coberta onde as crianças podiam brincar quando chovia ou em horas em que o sol era demasiado forte.

Segundo Montessori, (2023) , numa Instituição com estes princípios

O ideal é ser um jardim com abrigos, de modo a que as crianças possam brincar ou dormir debaixo deles e levar as suas mesas para trabalharem ou comerem. Desta forma, as crianças, podem viver quase exclusivamente ao ar livre e estar também protegidas da chuva e do sol.(P.21)

Devido ao facto de este ser um grupo que passou recentemente por uma pandemia, existiam várias crianças com dificuldades e atrasos na linguagem, desta forma, a educadora utilizava algumas estratégias para tentar combater este défice, pronunciava as palavras de forma clara e objetiva de modo a que estas percebessem claramente a mensagem que lhes estava a ser passada.

Utilizava diariamente os livros como recurso de aprendizagem, assim como músicas e jogos onde as crianças utilizavam a divisão de palavras.

A importância especial do sentido auditivo deve-se ao facto de ser um órgão sensorial ligado à fala. (...) O adulto deve ter cuidado de pronunciar de forma clara e completamente os sons da palavra quando fala com as crianças.” “As músicas infantis são também uma ótima maneira de obter a pronuncia exata. Quando o adulto ensina as crianças a pronunciar, fá-lo devagar e separa os sons que formam a pronuncia da palavra.(Montessori,M., 2023 P.83).

Estes eram apenas alguns dos métodos em que a Instituição se apoiava para tornar o Jardim de Infância adequado e capaz de lidar com as adversidades atuais. A Instituição referia também a educação inclusiva como filosofia base para as práticas diárias realizadas, sendo este um conceito cada vez mais falado e refletido por docentes da área da educação pelo seu carácter fundamental. É essencial que a educação inclusiva esteja enraizada em todas as instituições e no dia-a-dia das crianças desde sempre, uma vez que isso possibilita um ambiente de aprendizagem equitativa, onde estas crescem conscientes e informadas acerca do que é uma sociedade justa e respeitadora.

O conceito de educação inclusiva reforça a necessidade de respeitar ritmos e proporcionar às crianças oportunidades de aprendizagem refletidas e adequadas.

Kron et al., (2009) refere que

O respeito pela diversidade também pode significar que nem todas as crianças são envolvidas da mesma forma em todas as atividades. É importante que meninos e meninas, em geral, não sejam reduzidos a certos aspetos específicos e daí surja uma (nova) discriminação. (P.26).

Todas as crianças têm direitos independentemente da sua cultura, cor, religião, etc e estes devem ser sempre respeitados em qualquer que seja a sua faixa etária.

Ainda Kron et al., (2009) afirma que,

A estratégia e a finalidade da educação inclusiva nos grupos heterogéneos é a de respeitar as diferenças individuais ao mesmo tempo que aceitamos todas as crianças. Tutti uguali, tutti diversi. Este é o lema do movimento de integração italiana que coloca a tónica essencial da inclusão em palavras (P.25).

Capítulo 4: OBJETIVOS, INTERVENÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Capítulo 4: Objetivos, intervenção e análise de dados

Objetivos da investigação

Ao longo dos vários meses de estágio e em conversas com as crianças para perceber a pertinência efetiva do problema em análise, a estagiária concluiu que existiam várias questões que poderiam ser alvo de estudo.

Assim surgiram quatro princípios de ação , aos quais, em conjunto com as crianças pretendeu-se dar resposta, sendo estes:

- Garantir uma maior autonomia das crianças;
- Tornar o espaço da sala um local mais acolhedor e confortável;
- Organizar determinadas zonas da sala;
- Garantir a participação ativa das crianças na tomada de decisões.

Esta proposta foi discutida com a educadora cooperante, que concordou em participar e ajudar a realizar o estudo. Um dos critérios que a mesma definiu consistia em não alterar drasticamente a estrutura física do espaço, uma vez que, considerava que esta era uma organização que resultava bem para si e para as crianças.

Mesmo não alterando a estrutura física do espaço, existiam várias possibilidades que conseguiriam dar resposta os objetivos anteriormente referidos.

De maneira a envolver todas as crianças neste desafio a estagiária começou por reunir com todas as crianças para discutir a questão e perceber se todas estariam dispostas e interessadas em participar no desenvolvimento da mesma.

Para além dos objetivos descritos anteriormente existiam outros como, alterar alguns pontos da sala, no sentido de dinamizar o espaço e potenciar a aprendizagem cooperativa.

Importância dos objetivos

Os Princípios de ação são fundamentais para promover um ambiente educativo saudável numa sala de educação pré-escolar.

Garantir a autonomia das crianças, criar um ambiente acolhedor e organizar as zonas da sala são aspetos cruciais para promover um ambiente de aprendizagem eficaz e positivo na faixa etária referida.

A autonomia é uma capacidade fundamental no desenvolvimento infantil. Dar espaço às crianças para que tenham autonomia nas suas atividades diárias promove a autoconfiança, a capacidade de tomar decisões e a responsabilidade.

Encorajar a autonomia das crianças é essencial para o crescimento e para a aprendizagem, e ao fazerem-no, os educadores contribuem para a criação de um ambiente de respeito mútuo, onde as crianças se sentem valorizadas e capazes.

Como refere, (Montessori M., 2023, P.89) “É necessário que o adulto guie a criança sem deixar que a sua presença seja demasiado sentida. Deve estar sempre disposto a ajudar, mas não pode ser um obstáculo entre a criança e a experiência.”

Relativamente ao segundo tópico, este é também um elemento-chave para o processo uma vez que afeta diretamente o bem-estar físico e emocional das crianças. Quando estas se sentem seguras e confortáveis, conseguem envolver-se de forma mais confiante nas atividades e na exploração do ambiente ao seu redor. Além disso, um espaço acolhedor promove o sentimento de pertença, incentivando a colaboração e a interação. Como referem, Formosinho et al (2011)

Procura-se que o espaço seja um lugar de encontro, um lugar para habitar, para acolher, para abrigar. Um lugar para aprender porque dá acesso aos instrumentos culturais. Este conceito de espaço como lugar de encontro e de habitar conduz-nos à ideia de espaço(s) pedagógico(s) como lugar(es) que integra(m) intencionalidades múltiplas: ser e estar, permanecer e participar, experimentar e comunicar, criar e narrar. Um lugar para o(s) grupo(s) mas também para cada um, um lugar para brincar e para trabalhar, um lugar para a pausa, um lugar que acolhe diferentes ritmos, identidades e culturas. Um espaço de escuta de cada um e do grupo, um espaço sereno, amigável, transparente. (P.23).

O último objetivo aponta para a organização e/ou reorganização do espaço da sala, um tópico crucial, na medida em que, possibilita a criação de um ambiente de aprendizagem estimulante e eficaz.

Uma organização clara do espaço da sala ajuda as crianças a entenderem o espaço e a organizarem-se dentro dele, o que facilita, nomeadamente as transições tornando-as mais calmas e coerentes entre atividades. Além disso, a organização das “zonas” permite que os educadores consigam possibilitar uma maior autonomia às crianças, adaptando o espaço e os materiais as necessidades e interesses dos mesmos.

Segundo (Silva et al., 2016)

O conhecimento do espaço e das suas possibilidades é uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia da criança e do grupo, o que implica que as crianças compreendam como está organizado e pode ser utilizado, participando nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. Esta apropriação do espaço dá-lhes a possibilidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de diferentes maneiras, por vezes imprevistas e criativas, e de forma cada vez mais complexa. (P.26)

Processo de mudança e importância do envolvimento das crianças

As áreas de atividade disponíveis na sala do jardim detinham algumas fragilidades, nomeadamente a nível da autonomia e organização e as crianças demonstravam visivelmente alguma necessidade de mudança.

Como refere Spitzer M. (2007)

Os seres vivos, a natureza e a sua estrutura, os seus princípios gerais, a nossa vida em comunidade, como tudo se originou e donde viemos – tudo isto é altamente fascinante. Precisamos de um esforço considerável para conseguir que as crianças deixem de nos questionar as coisas. O normal é que nunca parem de nos questionar!

Ou seja, o estagnar da sala durante um período tão alargado de tempo fez com que as crianças de certa forma deixassem de se interessar por determinadas áreas/ assuntos, algo que transformou a sala num lugar monótono e entediante.

Desta forma, e como o objetivo de envolver as crianças em todo o processo, foi proposto que em colaboração com a estagiária e toda a equipa educativa sugerissem propostas para transformar o espaço da sala tornando-o mais coerente, organizado e acolhedor.

Como sustentam Silva et al. (2016)

A avaliação da organização do ambiente educativo permite ao/à educador/a refletir sobre as suas potencialidades educativas, a partir do que observa: exploração e utilização dos espaços e materiais; interações e relações entre crianças e entre crianças e adultos; distribuição e utilização do tempo. (P.17)

Por vezes as crianças não sabiam onde encontrar os materiais, não tinham acesso a alguns deles ou não sabiam onde realizar determinadas tarefas.

Os mesmo autores, Silva et al. (2016) refrem ainda,

Na organização deste espaço não pode ainda ser descurada a forma como são utilizadas as paredes. O que está exposto constitui uma forma de comunicação, que sendo representativa dos processos desenvolvidos, os torna visíveis tanto para crianças como para adultos. Por isso, a sua apresentação deve ser partilhada com as crianças e corresponder a preocupações estéticas.(P. 26)

Ao envolver as crianças na criação do seu próprio ambiente de aprendizagem, estão a ser criadas oportunidades de exploração, descobertas e desenvolvimento pessoal para as crianças. A reestruturação participativa do espaço da sala é, então, uma prática fundamental para uma educação de qualidade.

Por fim, Garnecho (2020) refere ainda que,

Numa pedagogia ativa o educador considera que cabe a si guiar a criança facilitando-lhe assim, uma aprendizagem que envolva mais a sua participação. O educador deve encorajar a troca de conhecimentos e vivências pessoais, bem como culturais, despertando na criança uma motivação intrínseca para a sua aprendizagem. Ao incutir o sentido cooperativo, a criatividade, bem como autonomia, o educador desenvolve uma participação democrática, obtendo um modelo de interação recíproca. Sendo uma constante preocupação a formação do indivíduo com espírito crítico e inovador, sendo capaz de intervir sem hesitações-escola construtiva. (P.29)

Questão de partida

A abordagem à questão teve início com uma questão de partida, que interrogava as crianças sobre se haveria algo no espaço da sala que gostariam de alterar.

A questão de partida é nesta fase fundamental, “De acordo com Quivy e Campenhoudt (1992), a melhor forma de se iniciar uma investigação consiste na formulação de questões, exprimindo com a maior clareza o que se procura investigar.” (Citado por Ferreira, M.,2023, P.42)

Assim numa conversa em grande grupo foi lançada às crianças a questão “Gostariam de fazer alguma alteração no espaço da sala de forma a melhorá-lo?”.

Desde o primeiro momento, as crianças mostram-se interessadas, entusiasmadas e dispostas a colaborar, para que em conjunto criássemos um espaço mais ajustado as necessidades e perspetivas de cada um.

A metodologia usada para o desenvolvimento do estudo foi a Abordagem Mosaico que, “em termos representativos, simboliza as diversas perspetivas e ideias dos principais atores deste método, as crianças. Deste modo, a união dos mosaicos representa os mundos das crianças, individuais e coletivas (Clark, 2005, citado por Girão, 2021, P. 15).

Objetivos

Assim o desenvolvimento da proposta tinha como principais objetivos:

- Analisar a organização do espaço segundo as necessidades do grupo de crianças e melhorá-lo de forma a dar resposta às mesmas;
- Potenciar a organização do espaço com o envolvimento das crianças nas tomadas de decisão, utilizando a abordagem de mosaico.

Processo de intervenção

A primeira abordagem à questão feita com as crianças foi, como referido anteriormente, uma conversa em grande grupo onde lhes foi apresentado o desafio. Nesse momento todas as crianças do grupo se comprometeram a colaborar como grande entusiasmo, sendo que a participação das mesmas sempre foi opcional.

Desde a primeiro contato com o projeto, que as crianças começaram a sugerir ideias e perceberam que a sua participação ativa era algo fundamental para a abordagem, o que trouxe consigo uma visível euforia por parte das crianças e uma motivação extra por parte de toda a equipa.

Após a primeira conversa e de forma a obter informações mais claras, acerca das possíveis alterações no espaço da sala, foi pedido às crianças que desenhassem e descrevessem em pequenas conversas informais quais os espaços da sala que mais e menos gostavam. Estes desenhos e conversas foram desenvolvidos ao longo de vários dias, apenas em momentos em que as crianças se mostrassem disponíveis para colaborar, deste modo foi possível que a estagiária ouvisse e percebesse as vontades e ideias de cada uma. Nesta fase começaram a surgir várias questões-problema e várias possíveis soluções.

A utilização de uma câmara fotográfica também auxiliou as crianças no processo e permitindo que as mesmas fotografassem espaços/materiais e zonas que representavam para elas algo de positivo ou negativo. Este foi um elemento crucial no processo uma vez, com o auxílio da câmara, as crianças demonstraram de forma bastante clara aspetos que valorizavam e desvalorizavam o espaço da sala, sendo

que muitos destes nunca tinham sido referidos através de nenhum dos métodos anteriores.

De modo a concluir a primeira fase, foi pedido a algumas crianças a elaboração de um percurso de apresentação da escola a possíveis visitas/convidados, com o objetivo de perceber quais os locais do JI/sala que mais e menos gostavam, permitindo com isto perceber qual a perceção das crianças acerca do espaço que as rodeia.

Apresentação e análise dos dados

Após terminada a fase da recolha de dados, foi necessário analisá-los, mais uma vez envolvendo as crianças no processo permitindo-lhes assim que compartilhassem perceções e clarificassem algumas informações. As imagens de 1 a 10 referem-se a uma amostra da análise dos dados recolhidos. As restantes imagens, apresentadas no anexo (anexo 2 ao 16), fazem referência a totalidade dos dados.

Catagorização dos dados recolhidos:

Espaços-organização:



Figura 1- Espaços e Organização

Três crianças referiram a zona de jogos a como o espaço que menos gostavam uma vez que era desarrumado e tinha vários materiais com os quais já não gostava de brincar.



Figura 2- Espaços-organização



Figura 3- Espaços-organização

Quatro crianças referiram o espaço da casinha de bonecas como o que menos gostavam, uma vez que o consideravam confuso e sempre muito cheio. Na fase seguinte da proposta e com recurso a uma camara fotográfica uma das crianças voltou a reforçar a sua opinião em relação ao espaço.

Tipo de Materiais:



Figura 4- Tipo de Materiais

Quatro crianças referiram os legos, materiais de madeira e os animais como os seus materiais favoritos.



Figura 5 - Tipo de Materiais

Uma das crianças referiu que gostaria que a criança com necessidades educativas específicas tivesse mais materiais para que pudessem brincar mais juntas.

Decoração Paredes:



Figura 6- Decoração Paredes



Figura 7- Decoração Paredes

Relativamente à decoração das paredes, nenhuma criança utilizou a ilustração para demonstrar que este era um ponto negativo no espaço da sala, no entanto, quando lhes foi disponibilizado o recurso da camara fotográfica, 8 crianças demonstraram que este era um aspeto que claramente as incomodava.

Acessibilidade dos materiais:



Figura 8- Decoração Paredes

Três crianças mencionaram que desenhar, recortar e brincar com plasticinas era uma das suas atividades favoritas, no entanto, referiram que gostariam de ter de forma mais acessível alguns materiais.

Bem-estar dos espaços:



Figura 9-Bem-estar dos espaços

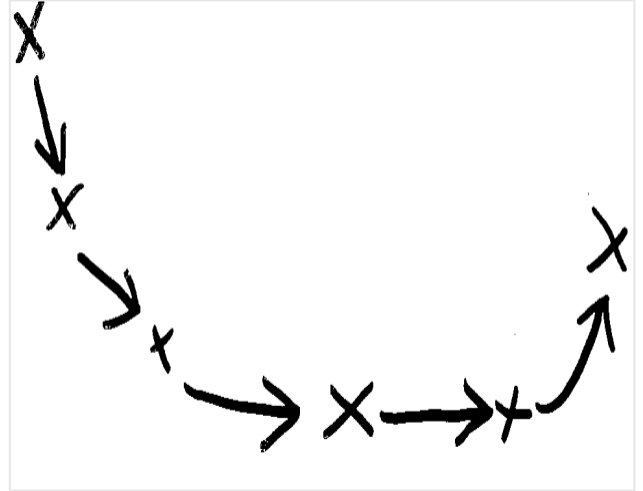


Figura 10- Bem-estar dos espaços

Três crianças referiram a zona da biblioteca como o local que menos gostavam na sala por este ser, na sua opinião, desconfortável. Na tarefa seguinte da proposta, (realização do circuito) uma outra criança na apresentação da sala, escolheu este como o último espaço, reafirmando a opinião do grupo acerca do mesmo.

Em suma, e após uma análise dos dados recolhidos ao longo de toda a intervenção pode concluir-se que:

- Muitas crianças referiam alguns dos espaços da sala como confusos;
- A zona da biblioteca era um espaço pouco utilizado por ser desconfortável e pouco apelativo;
- O espaço da sala apresentava uma sobrecarga de trabalhos nas paredes. Por toda a parte existiam trabalhos das crianças, o que conferia ao ambiente da sala uma imagem demasiado sobrecarregada;
- No espaço da sala existiam diversos materiais que não estavam ao alcance das crianças e aos quais as mesmas precisavam de recorrer à ajuda de um adulto para, por exemplo, afiar um lápis ou trocar uma caneta que já estava gasta;

- Na sala existiam também vários materiais com os quais as crianças já não demonstravam qualquer interesse e que permaneceram do início ao fim do estágio;
- As crianças referiram como algo relevante um material para a criança com necessidades educativas específicas.

O espaço da sala consiste num espaço onde as crianças passam uma parte considerável do seu dia, e por isso, este deve ser confortável e acolhedor para que tanto as crianças como os adultos se sintam felizes e capazes de lidar com os desafios do dia-a-dia.

De acordo com Formosinho, et al. (2011)

Pensamos o espaço como um território organizado para a aprendizagem: um lugar de bem-estar, alegria e prazer. Procuramos que o espaço pedagógico seja aberto às vivências e interesses das crianças e comunidades; seja organizado e flexível; plural e diverso; seja estético, ético, amigável; seja seguro; seja lúdico e cultural (Oliveira- Formosinho, 2007, 2008).” (P.11)

Assim, depois da organização e clarificação das ideias das crianças, era necessário construir a “manta mágica”, para que, em conversa em grande grupo as crianças tivessem um apoio visual dos dados recolhidos e avançassem para a fase seguinte, onde deveriam em conjunto com a equipa educativa, criar solução para os problemas anteriormente apontados.

Construção da manta mágica

De forma a organizar todos as fases anteriores da intervenção, e a ilustrar as ideias das crianças, construímos a “manta mágica”.

Aqui foram afixados as opiniões das crianças, aquilo que desenharam e fotografaram acerca da sua sala.



Figura 11- Manta mágica

A manta mágica tem um papel fundamental no desenrolar da proposta, uma vez que consegue ilustrar, agregando de forma simples e completa as várias visões das crianças, fazendo-as comparar perspetivas e refletir sobre os assuntos considerados pelo grupo as mais valias e/ou fragilidades no espaço da sala, promovendo a discussão e o espírito crítico das crianças.

Pós- intervenção

Depois da apresentação da manta mágica ao grupo, as crianças sugeriram algumas alterações que, em conjunto, foram refletidas a ponto de perceber a viabilidade das mesmas. Assim, estas sugeriram que fossem retirados da sala alguns materiais que as mesmas referiram como desinteressantes, as paredes foram libertadas dos trabalhos em excesso que eram colocados em locais da sala que não estavam à altura das mesmas, e foram criados e adicionados materiais que as crianças sugeriram e criaram de forma a decorar o espaço e a torná-lo mais agradável.

O cantinho da leitura foi reorganizado, por categorias de livros, e foram acrescentadas ao espaço almofadas para que este se tornasse mais confortável e apelativo. Este era um momento em que caso tivesse havido mais tempo teria sido pedida a ajuda da comunidade, como não foi possível, a educadora, auxiliar de ação educativa e a estagiária disponibilizaram os materiais necessários. As crianças decoraram as almofadas e o espaço foi transformado num local mais aconchegante, divertido e interessante.

As crianças, em conjunto com a estagiária, criaram com um livro sensorial para que a criança com o quadro de necessidade específicas tivesse um material pensado para ela que fosse atrativo e agradável e que, o mesmo pudesse ser utilizado pelas restantes crianças para brincarem de forma colaborativa.

Os materiais disponíveis no espaço foram reorganizados para que existisse um acesso fácil aos mesmos por parte das crianças. O espaço da casinha de bonecas passou a ter uma tabela para registar o número de pessoas lá presentes, para que assim não houvesse tanta confusão, um dos aspetos que as crianças referiram como negativo.

Capítulo 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Capítulo 5 - Considerações finais

Avaliação dos objetivos

Após a conclusão do estudo, a estagiária considera que a implementação da abordagem mosaico para a alteração do espaço da sala, resultou em notáveis avanços na autonomia das crianças e tornou o espaço da sala num lugar mais acolhedor e organizado.

A integração das crianças em abordagens ativas era um dos objetivos centrais da intervenção. Em todo o processo de desenvolvimento as crianças foram incentivadas a tomar decisões, o que levou a um notável aumento da autoconfiança e independência das mesmas.

Com a reestruturação da sala, passaram a existir áreas bem definidas e passou a haver uma maior acessibilidade a todos os materiais, os jogos e equipamentos disponíveis foram ajustados ao grupo de crianças e aos seus interesses. As paredes da sala foram também redecoradas, visto serem, uma das propostas mais referidas pelas crianças.

Segundo (Montessori, 2024, P.120)“ O meio deve ser tornado tão atrativo quanto possível para superar a desconfiança e aversão. Temos de oferecer atividades agradáveis à criança, porque sabemos que é por meio da atividade que o desenvolvimento tem lugar”.

As alterações feitas ao ambiente físico, tomando em linha de conta a visão das crianças, utilizando novos elementos e alterando ou eliminando alguns outros, conferiu ao ambiente uma sensação mais relaxante e convidativa. Os trabalhos expostos de forma visualmente agradável e a inovação da decoração elaborada pelas próprias crianças aumentou o sentimento de pertença e orgulho em relação ao espaço, o que não teria sido possível sem a utilização de abordagens participativas.

Assim, após as alteração, as áreas da sala passaram a ser cuidadosamente pensadas para que se tornassem mais acessíveis, funcionais e atraentes, incentivando as crianças a envolverem-se ativamente em todos os momentos do

dia, criando assim um ambiente mais desafiante e interessante para as mesmas. O envolvimento das crianças ao longo de todo o processo, promoveu um sentimento de motivação por parte das mesmas, fazendo como que estas se sentissem partes ativas da comunidade escolar e desenvolvessem capacidades como a comunicação, cooperação e resolução de problemas, elementos-chave para a sua vida.

Em suma, todos os objetivos foram alcançados com sucesso e as ações implementadas ao longo do processo contribuíram para a criação de um ambiente de sala mais desafiante, organizado e funcional.

Considerações Finais

Ao fazer um balanço geral da intervenção a estagiária considera que conseguiu atingir todos os objetivos a que se propôs.

Desde o primeiro contacto das crianças com o espaço modificado, que as mesmas perceberam muitas das alterações e a forma como as suas ideias e pedidos foram atendidos.

Ao longo de todo o processo, o aspeto que se refletiu de forma mais impactante foi a reação das crianças ao verem que efetivamente tiveram um papel ativo na alteração e melhoria do espaço da sala.

Além disso, durante o desenvolvimento da proposta as crianças mostraram-se sempre empenhadas e, na recolha de dados foi perceptível a criatividade, a colaboração, o trabalho em equipa e a forma como estas se adaptavam as necessidades do grupo, o que reforça mais uma vez a importância destas iniciativas.

Formosinho et al., (2011) refere

(...) Em pedagogia não há receitas mas sabemos que o bem-estar coletivo, a harmonia do grupo, a alegria de pertencer, requerem que cada um na sua individualidade se sinta bem. Esta é a primeira condição para um grupo desenvolver o seu potencial de humanidade: a humanidade de cada

um como preocupação primeira. O cuidar que garante, a cada um, ser e estar.(P.24).

Ao participarem de forma ativa na organização do espaço da sala as crianças desenvolveram de forma notável um sentimento de propriedade, e por isso sentiram-se de forma geral, mais motivadas para cuidar dele. As imagens seguintes ilustram algumas das alterações realizadas no espaço da sala e o mesmo espaço antes dessas mesmas alterações.

Em suma, o projeto para além de aprimorar o espaço da sala, promoveu também o desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças, e o sucesso da proposta ficou evidente nas relações, no cuidado e no bem-estar do grupo. Ao melhorar o bem-estar individual e coletivo do grupo, foram criadas condições ideais para as crianças alçarem o máximo do seu potencial.

Imagens referentes ao pré-intervenção e pós-intervenção



Figura 12- casinha de bonecas pré-intervenção



Figura 13- casinha de bonecas pós-intervenção

A imagem 13 faz referência ao espaço da casinha de bonecas pré-intervenção onde as paredes se encontravam sobrecarregadas com trabalhos das crianças, haviam vários materiais dispostos de forma desorganizada e estavam no espaço demasiadas crianças tendo em conta o tamanho do local. Na imagem 14 referente ao espaço pós-intervenção as paredes estão mais livres, com decoração elaborada pelas crianças e pensada pelas mesmas para decoração do local. O espaço

passou a ter um limite máximo do número de crianças e houve uma reorganização dos materiais.



Figura 14-espaço da sala pré-intervenção



Figura 15 - espaço da sala pós-intervenção

A imagem 14 faz referência ao espaço da sala pré-intervenção, este transmite a quem entra uma sensação de desorganização e sobrecarga das paredes, alguns materiais disponíveis não representavam nenhum interesse para as crianças e era necessário libertar alguns espaços . Na imagem 15 referente ao espaço pós-intervenção o espaço transmite uma sensação visual mais limpa, onde a decoração existente é pensada para o efeito, os materiais disponíveis vão de acordo com os interesses das crianças e foi possível a libertação de alguns espaços.

Anexos 1

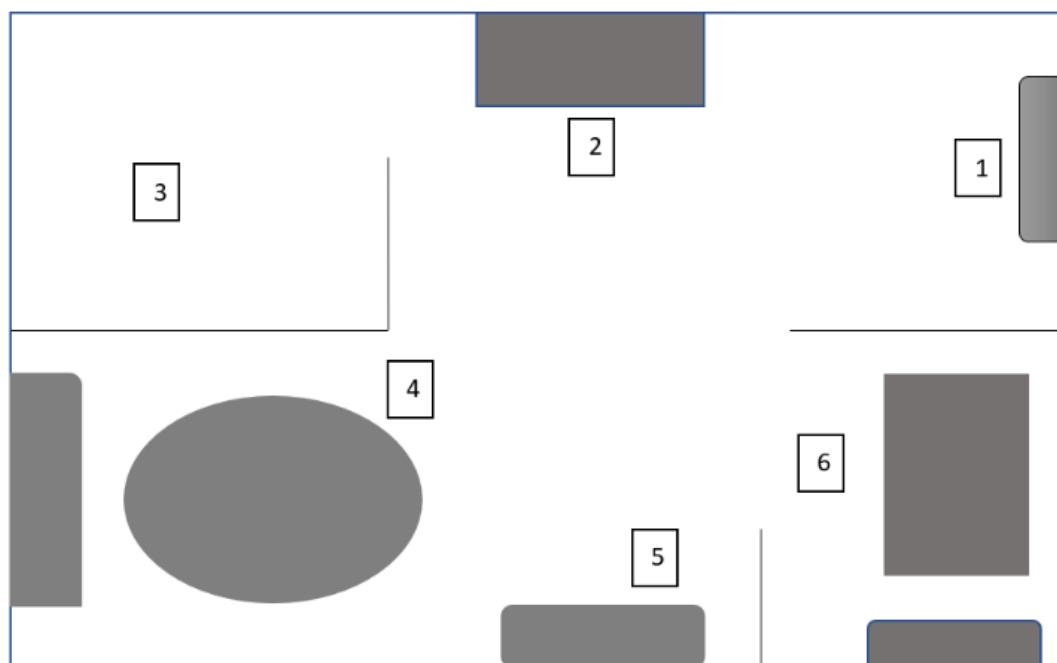


Figura 16- planificação da sala azul

Legenda:

- 1- Porta de entrada;
- 2- Zona de reunião de grupo;
- 3- Zona da casinha;
- 4- Zona de jogos;
- 5- Cantinho da Leitura
- 6- Zona de trabalhos manuais

Anexo 2

Análise dos dados:



Figura 17 - espaços e organização



Figura 18 - espaços e organização



Figura 19 - espaços e organização



Figura 20 - espaços e organização

Figuras 17, 18, 19 e 20 - referentes aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – a casinha de bonecas foi referida por quatro crianças como o espaço que mais gostam na sala.

Anexo 3



Figura 21- espaços e organização



Figura 22 - espaços e organização



Figura 23 - espaços e organização



Figura 24 - espaços e organização

Figuras 21, 22, 23 e 24 - referentes aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – a casinha de bonecas foi referida por 4 crianças como o espaço que menos gostavam, uma vez uma vez que o consideravam confuso e sempre muito cheio.

Anexo 4

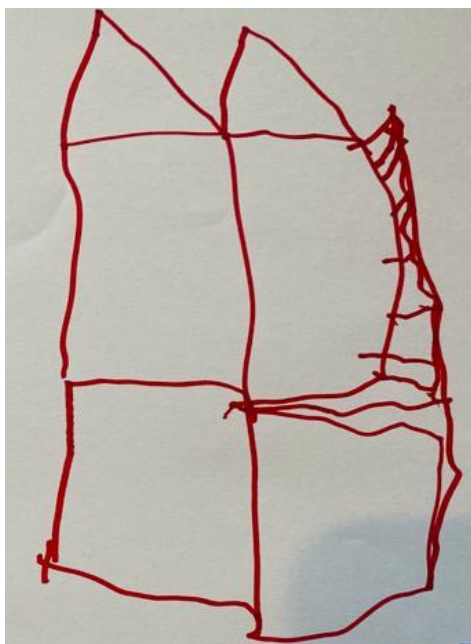


Figura 25 - espaços e organização



Figura 26 - espaços e organização

Figura 25 e 26- referentes aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – a zona de jogos foi referida por duas crianças como a zona que mais gostam na sala.



Figura 27- espaços e organização



Figura 28 - espaços e organização

Anexo 5



Figura 29- espaços e organização

Figura 27, 28 e 29 - referentes aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – a zona de jogos foi referida por três crianças como a zona que menos gostam na sala, uma vez que o consideravam confuso e sempre muito cheio.

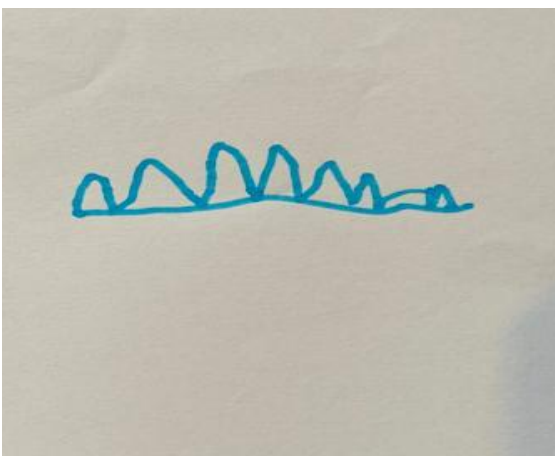


Figura 30 - tipos de materiais

Figura 30, referentes aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – uma criança refere a plasticina como um dos seus materiais favoritos.

Anexo 6



Figura 31 - tipos de materiais



Figura 32 - tipos de materiais

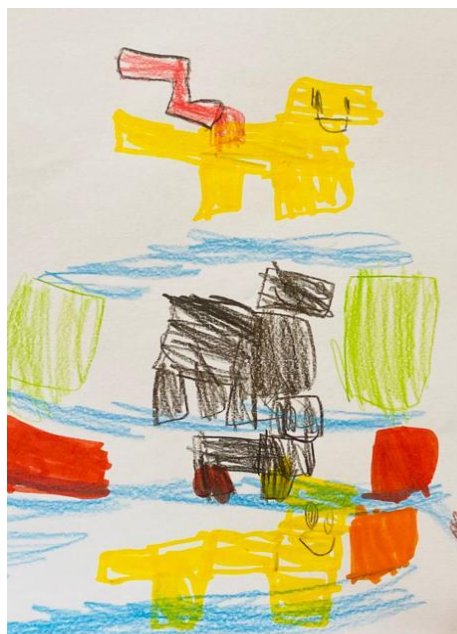


Figura 33 - tipos de materiais



Figura 34 - tipos de materiais

Figuras 31, 32, 33 e 34 - referentes aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – quatro crianças referiram nesta fase os legos, materiais de madeira e os animais como os seus materiais favoritos.

Anexo 7



Figura 35- tipos de materiais



Figura 36- tipos de materiais



Figura 37- tipos de materiais



Figura 38- tipos de materiais



Figura 39- tipos de materiais



Figura 40- tipos de materiais

Imagem 35 à 40 referentes aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – os seguintes materiais foram votados por todo o grupo e eleitos como favoritos.

Anexo 8



Figura 41- tipos de materiais



Figura 42- tipos de materiais



Figura 43- tipos de materiais



Figura 44- tipos de materiais



Figura 45- tipos de materiais

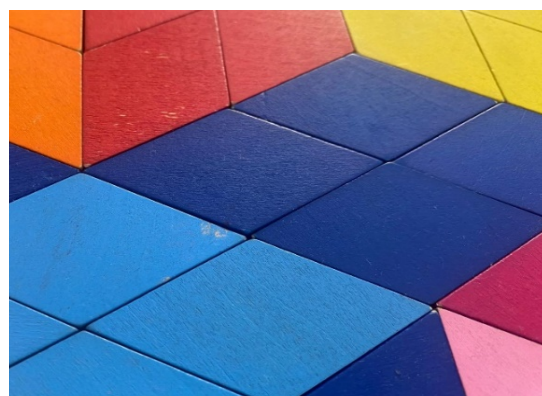


Figura 46- tipos de materiais

Figura 41 à 46 - referentes aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – os seguintes materiais foram votados por todo o grupo e eleitos como os materiais que menos gostavam.

Anexo 9



Figura 47- tipos de materiais

Figura 47 - referente aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – uma das crianças referiu que gostaria que a criança com necessidades Educativas Específicas tivesse mais materiais para que pudessem brincar mais juntas e todas as outras crianças concordaram.



Figura 48- Decoração das paredes



Figura 49- Decoração das paredes



Figura 50- Decoração das paredes



Figura 51- Decoração das paredes

Figuras 48, 49, 50 e 51- referentes aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – 8 crianças fotografaram e/ou referiram as paredes da sala como algo negativo devido ao excesso de trabalhos/ decorações afixadas.

Anexo 10

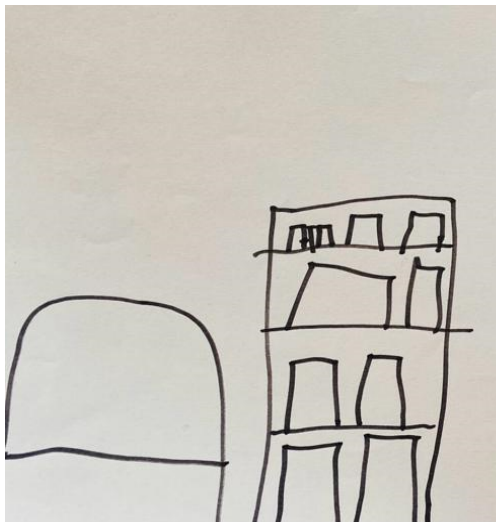


Figura 52- Bem-estar dos espaços



Figura 53- Bem-estar dos espaços



Figura 54- Bem-estar dos espaços

Figuras 52, 53 e 54 - referentes aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – três crianças referem o cantinho da leitura como o local que menos gostavam na sala por ser desconfortável e desorganizado.

Anexo 11



Figura 55- Acessibilidade dos materiais

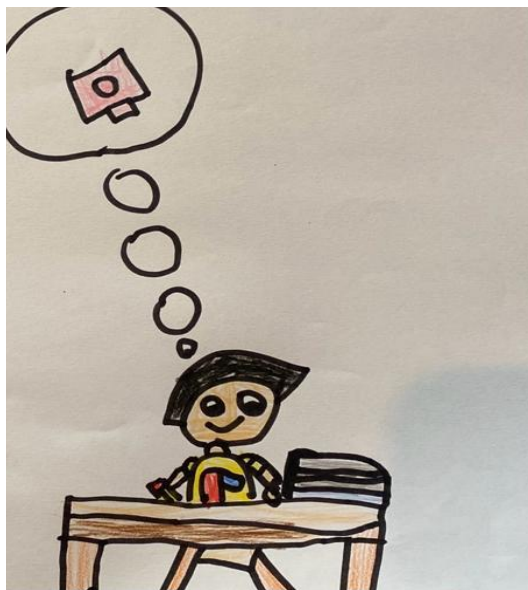


Figura 56- Acessibilidade dos materiais

Figura 55 e 56 - referente aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – as duas crianças referem desenhar e recortar como um das suas atividades favoritas e apontam que gostariam de ter alguns materiais como tesoura, afia, marcadores de substituição e borrachas num local mais acessível e onde pudessem recorrer facilmente.

Anexo 12



Figura 57- Percursos de apresentação do II/ sala

Figura 57 , referente aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – a criança recorreu a elaboração do percuso de apresentação da sala com símbolos de destaque referentes a cada zona, e desenhou como primeiro ponto a mesa de jogos, em segundo a zona do computador, em terceiro a casinha de bonecas e por ultimo a porta da saída.

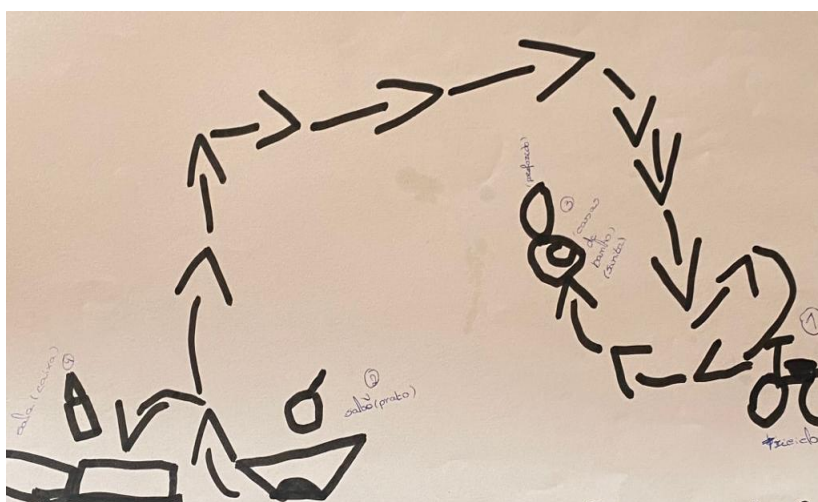


Figura 58- Percursos de apresentação do II/ sala

Figura 58, referente aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – a criança recorreu a elaboração do percurso de apresentação do II com símbolos de destaque referentes a cada zona, tal como a criança anterior e começou por apresentar o espaço exterior, seguido do refeitório, posteriormente a casa de banho e a sala como o ultimo espaço.

Anexo 13

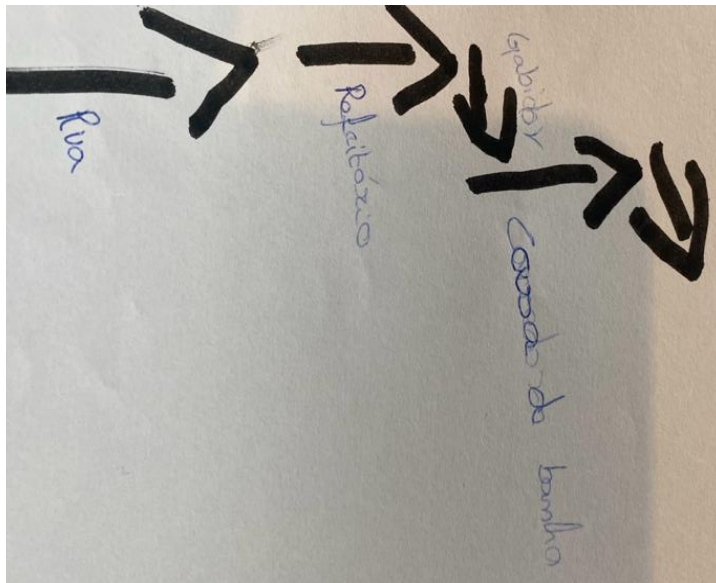


Figura 59- Percursos de apresentação do JI/ sala

Figura 59 - referente aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – a criança recorreu a elaboração do percurso de apresentação do JI onde cada seta representava um local, sendo que, o primeiro local por onde passou foi o espaço exterior, em segundo o refeitório, posteriormente a zona dos cabides, casas de banho e finalmente o corredor.

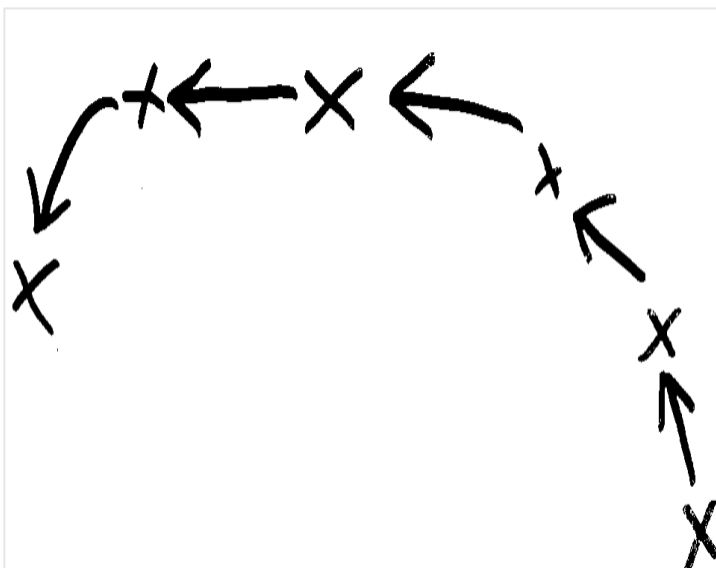


Figura 60 -Percursos de apresentação do JI/ sala

Imagem 60 , referente aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – a criança recorreu a elaboração do percurso de apresentação da sala, onde cada X representava o local que estava a apresentar, começou então pelo espaço exterior, corredor, zona de cabides, casas de banho, casa de bonecas, zonas das mesas e catinho da biblioteca.

Anexo 14



Figura 61- idealização das crianças acerca da sala pós-intervenção

Figura 61- imagem referente aos dados recolhidos sobre o espaços da sala – Uma das crianças referiu que gostaria de ter balões como decoração no espaço da sala , e gostaria de transformar a zona da biblioteca num local mais confortável, utilizando almofadas. A mesma criança referiu ainda que gostaria que os livros estivessem dispostos de forma organizada na estante.



Figura 62- idealização das crianças acerca da sala pós-intervenção

Figura 62- imagem referente aos dados recolhidos sobre o espaços da sala- uma das crianças referiu que gostaria de reorganizar a estrutura dos móveis da casinha de bonecas, e criar alguma decoração para a zona das paredes.

Anexo 15



Figura 63-idealização das crianças acerca da sala pós-intervenção

Imagens 63- imagem referente aos dados recolhidos sobre o espaços da sala –Uma das crianças referiu que gostaria de ter uma televisão fictícia na zona da casinha de bonecas.



Figura 64- idealização das crianças acerca da sala pós-intervenção

Figura 64- imagem referente aos dados recolhidos sobre o espaços da sala –Uma das crianças referiu que gostaria de ter uma pequena arvore na sala e referiu também que gostaria de ter os jogos magnéticos, legos duplos e madeiras próximos uns dos outros.

Anexo 16



Figura 65- Espaço da sala Pré- Intervenção



Figura 66- Espaço da sala Pré- Intervenção



Figura 67- Espaço da sala Pré- Intervenção



Figura 68- Espaço da sala Pré- Intervenção



Figura 69- Espaço da sala Pré- Intervenção

Anexo 17

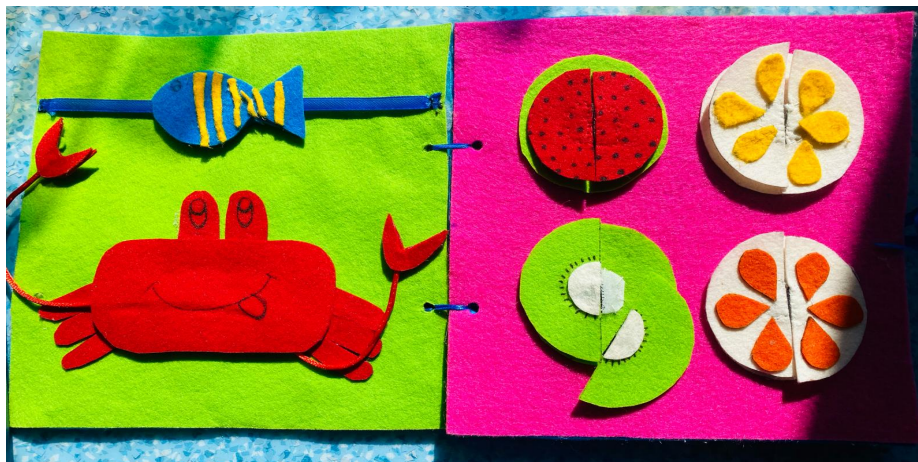


Figura 70- Material elaborado pelas crianças a para a criança com NE

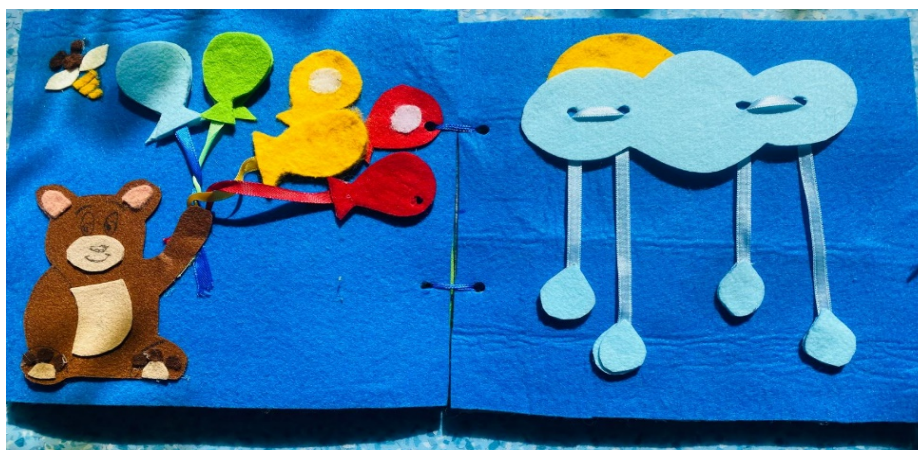


Figura 71- Material elaborado pelas crianças a para a criança com NE

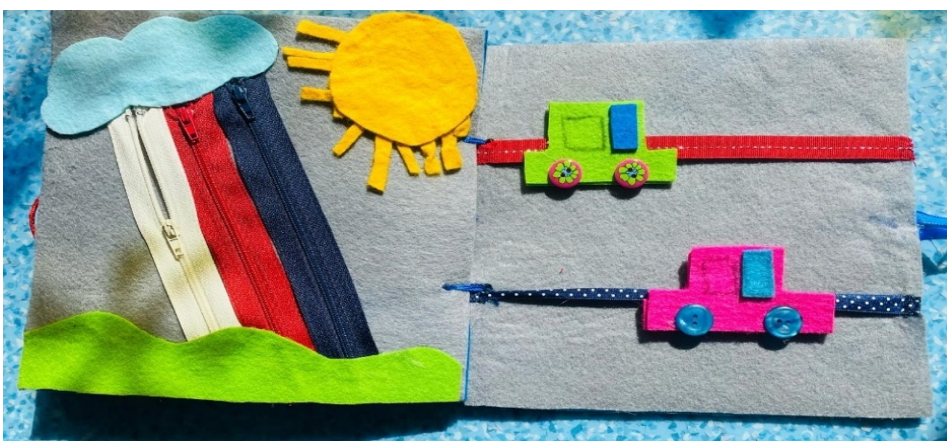


Figura 72- Material elaborado pelas crianças a para a criança com NE

Anexo 18



Figura 73- casinha de bonecas pós-intervenção

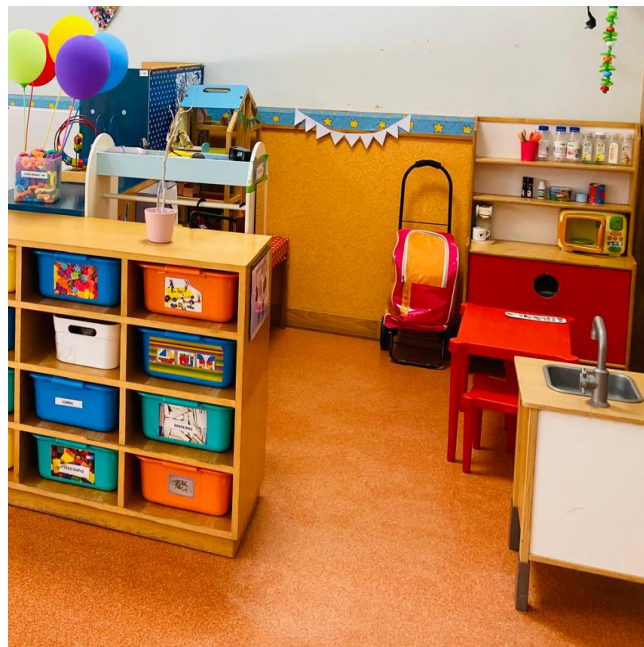


Figura 74- casinha de bonecas pós-intervenção



Figura 75- Catinho da biblioteca pós-intervenção

Anexo 19



Figura 76- Catinho da biblioteca pós-intervenção



Figura 77- Catinho da biblioteca pós-intervenção



Figura 78- - Organização e acesso aos materiais pós-intervenção

Anexo 20

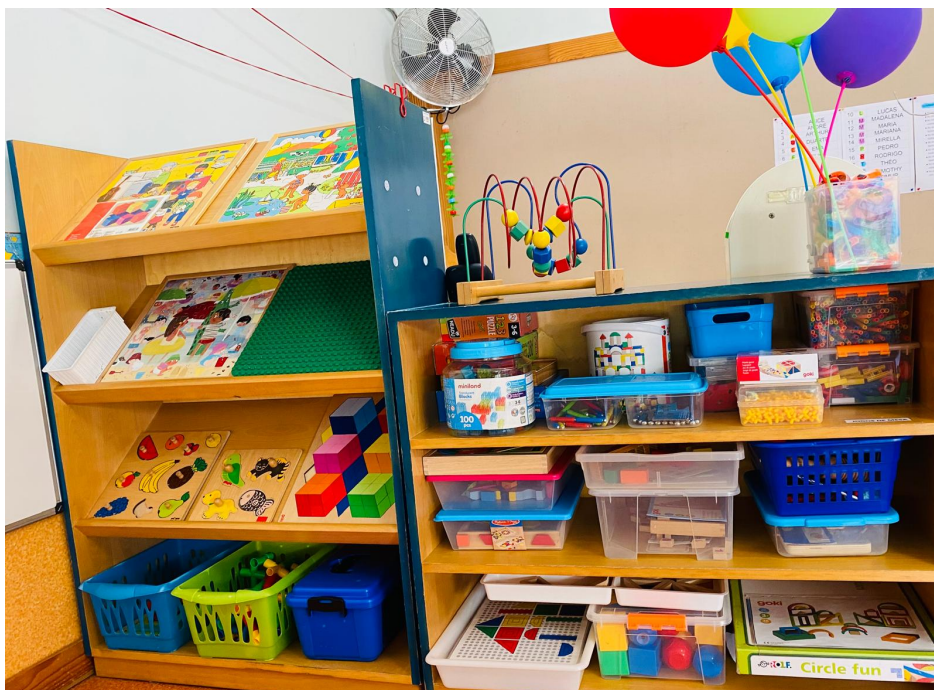


Figura 79- Organização de materiais pós-intervenção



Figura 80- Organização de materiais pós-intervenção

Anexo 21



Figura 81- Organização de materiais pós-intervenção

Referências bibliográficas

A.

Azevedo, A., Marques L., Baptista, M. C. A organização do espaço e dos materiais refletem os Fundamentos e Princípios da pedagogia para a infância? Retirado de:

<https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/boletim/epe.pdf>

C.

Clark, A. & Moss, P. (2005). Spaces to play: More listening to young children using the Mosaic approach.. London: National Children's Bureau Retirado de:

https://www.researchgate.net/publication/334861998_Listening_to_Young_Children_A_Mosaic_approach

Ferreira, M. Monitorização dos Resultados: Uma Ferramenta para a Tomada de Decisão na Melhoria da Escola (Dissertação de Mestrado em Administração Educacional, Escola Superior de Educação de Lisboa) Retirado de:

<https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/8189/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20de%20Miguel%20Ferreira%20-%20Monitoriza%C3%A7%C3%A3o%20de%20Resultados.pdf>.

Formosinho, J., Andrade F., & Formosinho, J. (2011) O espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação, Porto: Porto Editora

G.

Garnecho, J. (2020). Organização do Espaço no Jardim de Infância (Relatório final de prática de Ensino Supervisionada, Campus Universitários de Almada) Retirado de: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/36518/1/Joana%20Garnecho.pdf>

Girão, B. (2021) Utilização da Abordagem Mosaico por Crianças do 1º CEB (Relatório Final em Educação Pré- Escolar e 1º ciclo de Ensino Básico, Escola Superior de Educação de Coimbra) Retirado de:

https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/39862/1/BEATRIZ_GIRAO.pdf

K.

Kron M., Serrano A., Afonso J. (orgs.) (2009) Crescendo Juntos Passos para a Inclusão na Educação de Infância, Porto: Porto Editora

L.

Lopes, P (2021). A Metodologia de Trabalho de Projeto como Promotora da Aprendizagem na Educação Pré-Escolar (Dissertação de Mestrado em Educação Pré- Escolar e Ensino de 1º Ciclo de Ensino Básico, Escola Superior de Educação de Coimbra) Retirado de:
https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/37418/1/PATRICIA_LOPES.pdf

M.

Montessori, M. (2024). A Mente da Criança (1ª ed.). Alma Livros

Montessori, M. (2023). O Manual Montessori (1ª ed.). Alma Livros

S.

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação. Retirado de:
https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf

Spitzer, M. (2007). Aprendizagem Neurociências e a Escola da Vida (1ª ed.), Lisboa: Climepsi Editores

